



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2647 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 16 - Educação e Comunicação

#OCUPATUDO: RESISTÊNCIA E LUTA ATRAVÉS DE VISUALIDADES  
Raquel Silva Barros - 8<sup>a</sup> CRE - Coordenadoria Regional de Educação do Rio de Janeiro

**Resumo:** O texto a partir do qual essa reflexão se sustenta emerge de uma pesquisa maior que investiga o contexto de três escolas secundaristas ocupadas no Estado do Rio de Janeiro. O recorte realizado aponta para falas de sujeitos de uma escola onde se realizou uma roda de conversa face a face e acompanhamento de publicações na página criada no *Facebook*. Buscamos perceber por meio da publicação de imagens e vídeos através de dispositivos móveis e em seus discursos, o sentido das práticas de registro pelos jovens ocupantes de escolas secundaristas nessa rede social. Que imagens produzem? Por que as publicam? Estariam os jovens ocupando um espaço presencial/virtual ou se tratariam de dois espaços diferentes? Entre os diálogos suscitados na pesquisa, destacamos a ocupação virtual/presencial como um espaço híbrido onde as interações e trocas são realizadas bem como as diversas narrativas que são construídas pelos jovens através de criações ímpares circulando material audiovisual e a possibilidade de compartilhamento ancorado no contexto das atividades ciberculturais da Internet.

Palavras-Chave: Audiovisual, *Facebook*, Ocupação Secundarista

## Introdução

O estudo investiga o contexto das ocupações Estudantis Secundaristas que eclodiram no país no final do ano de 2015 e se estenderam ao início do ano de 2017. No primeiro momento, o Estado de São Paulo foi o primeiro local onde as ocupações estudantis se iniciaram. Impulsionados pela indignação frente ao anúncio de uma reestruturação escolar pelo Governo do Estado que resultaria na mudança da rotina de mais de trezentos mil alunos, os jovens estudantes, como forma de mobilização, ocuparam diversas escolas.

Mais adiante, estudantes de outros Estados viriam a ocupar suas escolas mediante a divulgação de projetos de lei e diferentes atitudes que vinham sendo tomadas pelos governos locais. Nesse período o processo de ocupação foi cunhado por dois grandes momentos: uma primeira ocupação realizada por alunos de escolas das Redes Estaduais de Educação e um segundo momento por estudantes de Instituições Federais.

Através de uma pauta que se estende a diversas questões em comum, as ocupações Estudantis Secundaristas lutaram por melhorias na estrutura das escolas, condições mínimas para funcionamento regular e questões pedagógicas atravessadas por aspectos políticos que viriam a alterar as condições de acesso e ensino.

Nessa relação, percebe-se que a utilização das redes sociais online, caminham paralelo a todo esse processo. Através da publicação e compartilhamento de imagens e vídeos os jovens se comunicam nas mais diversas interfaces estabelecendo uma conexão que se expande exponencialmente através da Internet. *Memes*, cartazes, vídeos, relatos, reportagens, links, planilhas e tantos outros recursos são publicados nas páginas do *Facebook* criadas pelos jovens ocupantes e compartilhadas, curtidas e comentadas por qualquer um de nós.

Toda essa relação compreende o que Mirzoeff (2003) chama de Cultura Visual. Mais do que fazendo parte de nossas vidas as imagens, para ele, constituem o nosso dia a dia. Através das imagens, as ações dos jovens podem ser vistas a partir de qualquer lugar já que as barreiras geográficas e os muros que rodeiam as escolas deixam de se tornar um obstáculo para o campo de visão. De fato, o olhar daquele que revela a imagem traduz um foco onde a escolha do que deve ser visto/mostrado se impele, porém, essa possibilidade confere àquele que acompanha as páginas uma

visibilidade que, talvez, sem a potência oferecida pelo contexto das atividades ciberculturais pudesse enxergar.

Instigados por compreender essa prática de registros através da produção de material audiovisual que são exibidos e compartilhados na rede indaga-se sobre o sentido que os jovens atribuem ao publicarem imagens e vídeos nas páginas criadas no *Facebook* de suas escolas ocupadas.

Nesse contexto, a pesquisa apresentada neste texto tem como propósito perceber a relação dos sujeitos, jovens ocupantes de Escolas Secundaristas do Estado do Rio de Janeiro com a utilização de recursos visuais/audiovisuais por meio de seus dispositivos móveis no contexto de uma ocupação onde o presencial/virtual estão atrelados.

A pesquisa, em seu corpo maior investigou o contexto de três escolas ocupadas no Estado do Rio de Janeiro, contudo para o contexto desta composição, faremos um recorte apontando reflexões de uma escola acompanhada. Realizamos uma conversa face a face com sujeitos ex-ocupantes e observamos a publicação de materiais audiovisuais publicados na página criada no *Facebook*.

### **A ocupação física/virtual: espaços e narrativas que se constroem**

O apontamento que introduz esse tópico ressalta uma reflexão inicial sobre o que estaria atrelado ao termo 'ocupação' e seus possíveis e passíveis fios de compreensão. Podemos pensar em diversas nuances de definições que podem vir acompanhadas de diferentes sentidos a partir da procura pelo significado mais aproximado do termo. Com suas origens no latim, a palavra 'ocupar', *occupare* – aglutinação de *ob*, à frente, mais *capere*, tomar, agarrar – provoca diversas interpretações.

Poderia seu termo estar mais associado a uma definição de apoderamento ou de invasão? Teria ela uma noção de resistência? Seria uma apropriação pela força ou uma conquista por merecimento? Uma dominação? Conseguiríamos pensar em todos eles juntos? Quem sabe? Por que não? Fato é que de uma forma ou de outra, saturado de sentidos, o termo nos provoca a pensar nessas possibilidades que são refletidas em suas práticas. Em todo caso, não estamos aqui em busca de uma tentativa de estabelecer uma melhor definição para o termo, mas de entender suas diversas possibilidades que surgem e se recriam de diversas formas a partir de como o termo vai sendo apropriado pelos movimentos.

Em nosso país pôde ser visto ocupações ocorrendo nas principais ruas e avenidas de grandes cidades de forma concomitante ou aleatória. Assistimos, hoje, a uma retomada do sentido do termo ocupação onde o anseio dos ocupantes é ter o controle do espaço, ainda que por um curto período. Deste modo, diversas pessoas ocupam esses locais fazendo uma nova organização do espaço com seu corpo servindo como uma forma de resistência.

Assim como ocorreu na praça Tahir, no Egito, no Occupy Wall Street em Nova Iorque, nos Indignados na Espanha, no Movimento Passe Livre no Brasil e em diversos lugares do mundo, as ocupações estudantis secundaristas que ocorreram em nosso país tem como pano de fundo um espaço de mídia onde convergem-se imagens, vídeos, áudios, textos e outros recursos com narrativas que descrevem os acontecimentos, viabilizam ações e discutem-se possibilidades e desafios.

A 'primavera secundarista', que recebeu esse nome inspirado na Primavera Árabe, movimento que eclodiu em 2011, contou com um arranjo onde são utilizadas as redes sociais online como forma de organização e disseminação do movimento transformando as escolas ocupadas em um grande palco de lutas políticas através da convergência de diversos artefatos.

Essa organização online se dá de forma preliminar para uma posterior ocupação de espaços públicos considerados simbólicos. Nesta forma de organização, "o objetivo é utilizar o potencial das ferramentas comunicacionais digitais para expressão livre dos movimentos sociais e das articulações e reivindicações político-ativistas" (LEMOS & LEVY, 2010 p. 28).

Em suas falas eles atribuem um peso no que tange à utilização da Internet no processo de ocupação. Em especial, eles destacam o *Facebook* como um canal oficial onde eles podiam se comunicar.

*Pesquisador(a) - Vocês possuem a página no Facebook? Ela é eficaz?*

*A - É sim... muita gente se comunica.*

*C - Eu lembro que ano passado a gente teve... fizemos, assim que eu entrei, os terceirizados estavam sem salário durante três meses e aí eu e um grupo de alunos falamos - Ah, vamos fazer uma campanha de arrecadação de alimentos, e aí a página serviu muito tipo ... a assembleia que a gente fez. O refeitório estava entupido e a gente fez um vídeo de sei lá... dois minutos ...teve 8 mil visualizações...*

*Pesquisador(a) - E vocês tem outra página sem ser o (página X)?*

*A - Tinha a (página Y). Foi a primeira página oficial em relação à ocupação da escola mas tipo... como no começo a gente... estava aquele negócio de impulso e a gente não precisava dessas coisas, era meio parada mas quando a gente queria fazer um informativo de hoje teremos tal coisa no colégio a página foi essencial...*

Esses movimentos com anseios diversos, mas como uma pauta unânime de luta por melhorias de condições estruturais,

pedagógicas e humanitárias para que se possa alcançar uma educação de qualidade, tem como espaço de luta ambientes físicos e virtuais, já que,

a conexão entre a mídia social da internet, as redes sociais das pessoas e a mídia tradicional tornou-se possível pela existência de um território ocupado que ancorava o novo espaço público na interação dinâmica entre ciberespaço e espaço urbano. (CASTELLS, 2013, p. 56)

Os ambientes físicos compreendem as escolas em que os alunos utilizam para demarcar simbolicamente suas lutas, fazendo deste espaço 'moradias' provisórias com o objetivo de demonstrar para a sociedade e o poder público que aquele espaço os 'pertence'. São lugares com movimentos marcados pela ação do tempo e trajetória, já que, aqueles alunos que ali estudam passarão um período de suas vidas, e ano após ano darão lugar a outros ingressantes.

Já os ambientes virtuais, são espaços em que eles, normalmente já transitam, porém, neste sentido das ocupações, com um viés de luta. Abre-se, então, um ambiente a mais ou utilizando espaços já transitados por eles para que possam expor suas demandas, comentar, discutir e tomar decisões. A dinâmica de ocupação que atravessa esses lugares ocorre de forma concomitante.

Estes espaços físicos e virtuais já são visitados, permeados, ocupados normalmente, independentemente de qualquer movimento. Porém, ao se falar em 'ocupação', depreende-se que algum movimento com algum tipo de motivação com tema instigante esteja em pauta.

Recorrendo à noção de lugar para entendimento do que seriam esses ambientes percorridos, percebemos que o termo se "refere à demarcação simbólica de espaços, atribuindo a eles, a partir de relações estabelecidas, noções de pertencimento e identidade, orientando ações sociais e sendo por essas delimitadas reflexivamente" (HAMANN *et al*, 2013, p. 22).

Ao pensarmos no conceito de espaço, remetemo-nos ao plano físico onde podemos estar presentes de forma que visivelmente nos percebemos ali e podemos estabelecer relações físicas como um toque. Porém ao analisarmos o espaço virtual, depreendemos que a presença também pode ser percebida, bem como diversos elementos de interação e comunicação podem ser estabelecidos. Porém, há também a possibilidade de não ser visto pelo outro, mas nunca inerte na rede, já que todas as ações que desempenhamos são traçadas, formam e fazem diferença ao se pensar em conexões de rede de uma forma mais ampla.

No *Facebook*, *My Space*, *Orkut*, *Linkedin*, *Xing*, *Pulse* ou nos milhares de comunidades criadas através de softwares livres, nos meios de comunicação social, indivíduos constroem redes de contatos, de amigos [...] trocam mensagens, compartilham suas paixões, tagarelam, negociam coletivamente suas reputações, gerenciam conhecimentos, realizam encontros amorosos ou profissionais, desenvolvem operações de marketing e entregam-se a todas as espécies de jogos coletivos (LEMOS & LEVY, 2010 p. 12).

De fato, ao analisarmos de perto todos esses ambientes, veremos que relações simbólicas acontecem ali, uma vez que, as pessoas que ali transitam expressam sentimentos e desejos ao estarem naquele ambiente.

Este movimento de registrar e apoderar-se do espaço, transformando-o em lugar, está intrinsecamente ligado a esta memória dos acontecimentos, no exercício de atribuição de sentido e significado aos acontecimentos vivenciados nos espaços. Os locais de circulação, de encontro, de manifestação, colocam-se como potência para o sujeito produzir a si mesmo, já que o compartilhamento de desejos, ideais, conflitos, transforma o espaço em artefato cultural, em linguagem urbana. " (HAMANN *et al*, 2013, p. 24).

A comunicação que estabelecem pode se dar de forma mais ou menos ampla, mas o fato é que, ao se comunicarem, as pessoas pertencem àquele lugar de alguma forma. Ao frequentarmos o mercado do bairro, o açougue ou a farmácia, desejamos retornar, ou não, podemos procurar outro local por afetividade, relação econômica, etc. O mesmo acontece quando nos conectamos ao *Facebook*, quando utilizamos um *Chat* para falar com um atendente e ao utilizarmos mensagens através de *WhatsApp*.

Ao pensarmos nos movimentos de ocupação, estes espaços elucidam estas relações afetivas tanto fisicamente quanto virtualmente já que as relações estabelecidas se integram nesse corpo físico/virtual. "Os 'ocupas' fomentam uma apropriação não apenas física, mas também simbólica de praças e ruas, estabelecendo novas relações ao afirmar identidades no convívio entre o indivíduo, o grupo e as possibilidades de "ser" na cidade atual" (HAMANN *et al*, 2013, p. 22).

O terreno onde as relações se dão nesse contexto não caminha em direção a uma separação do que é físico e o que é virtual, já que entendemos que o virtual não é 'irreal' como aponta Levy (2014). Em suas palavras ele nos mostra que "em geral, acredita-se que uma coisa deva ser real e ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. Contudo, a rigor, em filosofia, o virtual não se opõe ao real mas sim ao atual" (Ibid., 2014, p. 49).

Abaixo segue uma imagem publicada na página da escola com as reivindicações dos alunos durante o período de ocupação. A imagem é uma fotografia de um cartaz afixado na entrada da escola. A segunda se trata de um grafite realizado pelos jovens, fotografado e publicado na página.

Figura 1- Cartaz<sup>1</sup> fotografado sobre a reivindicação dos ocupantes

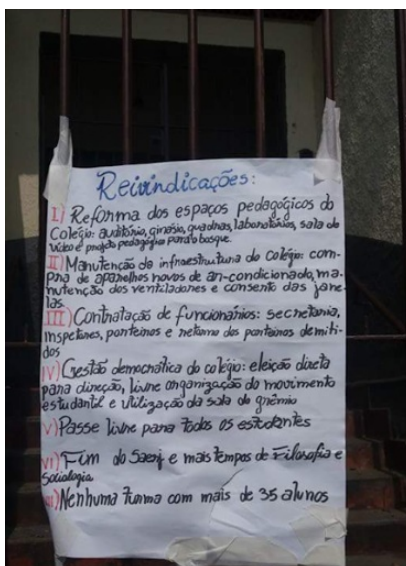


Figura 2- Grafite<sup>2</sup> realizado pelos jovens



Através de cartazes, expressões, manifestações, diálogos, intervenção e ações artísticas, os ocupantes das escolas secundaristas manifestam suas reivindicações. O espaço escolar ao qual eles reverberam suas ações estão relacionadas à uma busca por experiências democráticas que incluem este espaço físico/virtual como lugar comum onde se dão suas práticas.

Observando a página da escola ocupada, percebemos debates sobre a legalidade das ocupações, direitos que abrangem a luta em suas causas, curiosidades sobre as ações que se dão naqueles espaços, comunicações entre os integrantes das ocupações por questões diversas, entre outras ações são retratadas ali.

Os jovens corroboram em seus dizeres com o que vinha sendo observado nas páginas. No que tange a esse diálogo, se mantém não apenas o círculo de pessoas que estavam presentes na ocupação mas um diálogo aberto ao público.

*Pesquisador (a) - Por que vocês criaram uma página?*

*A - Criamos por conta de ... para mostrar que não era uma bagunça. Porque tinha gente que falava: - Ah, é uma bagunça e eles vão lá só para bagunçar o colégio. Não!*

*E - Falavam que era para bagunçar e se divertir e na verdade não era nada disso, é mentira! (...)*

*O povo achava que a gente curtia, jogava bola. Mas não, a gente fazia um planejamento. Na madrugada a gente trocava, vamos supor: Eu ficava de duas da manhã até oito da manhã rondando a escola e aí trocava o pessoal na outra noite. E assim a gente ia e postava na Internet porque o povo colocava que a ocupação na escola era uma bagunça mas na verdade não era nada disso.*

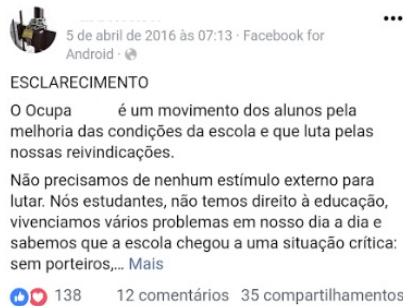
A ampla visualização, nesse contexto, torna-se um fator decisivo, segundo eles, para a escolha do Facebook como espaço onde as produções de imagens e vídeos eram publicadas. Eles precisavam desse veículo para além de se comunicar, expor denúncias, compartilhar angústias, e pedir ajuda para o movimento. Em suas palavras:

*C- É por exemplo a página do 'Z' tinha sei lá... 16.000 curtidas, você via que a mídia mostrava um lado e pelas páginas a gente mostrava que era outro.*

*E também, a Secretaria de Educação não abria para o diálogo. Ficamos lá, tipo uns três meses no período da ocupação e não tinha um diálogo. E eu acho que página serviu para isso também, para mostrar que a gente tinha reivindicação e o secretário não estava querendo negociar. Então servia muito para isso, para a gente expor a nossa pauta.*

Essas comunicações que se fazem através de redes sociais expunham em suas narrativas uma busca por uma autogestão, autorregulação e alternância de responsabilidades, buscando não se aprisionar nas formas convencionais em que os papéis dos atores sociais se dão de forma rígida calcadas em comandos e submissões. Essa prerrogativa pode ser observada na fala dos jovens ocupantes e em suas ações realizadas e publicadas na página. A imagem abaixo retrata parte dessa trajetória.

Figura 3 - Nota<sup>3</sup> de esclarecimento publicada na página



Arraiados de imagens e vídeos, as páginas das ocupações revelam narrativas verbais e não-verbais que exprimem desejos, repulsas, angústias, sentimentos que indicam os anseios dos jovens ocupantes. As representações que se fazem na rede mostram não somente suas aspirações mas traduzem uma identidade aferida através de uma cultura onde as imagens se fazem cada vez mais presentes no universo ao qual estamos imersos.

### Considerações Finais

Os alunos ocupantes do espaço híbrido teciam seus laços nas redes de Internet onde discutia-se diversas questões como os próximos passos da ocupação, demandas por resolução de questões de higiene, limpeza, alimentação, organização e articulação e alternância de tarefas rotineiras, divulgação, privacidade, diálogo, entre outros. Eles compartilham cultura através de suas criações e produções artísticas.

As interações baseiam-se em vínculos formados por um grupo de pessoas em um espaço comum com certo de laço de permanência na rede virtual. Esses laços, levariam ao reconhecimento de uma identidade dos indivíduos que integram aquela comunidade como no caso das comunidades das ocupações estudantis que se formaram no contexto híbrido virtual e presencial.

Como aponta Mirzoeff (2003), esses movimentos utilizam as mídias sociais globais como forma de criar um pensamento visual buscando a representação e uma mudança social. A visualidade pode se tornar um campo onde os modos de expressão podem ir além das resistências caminhando para outros modos de fazer escola em tempos atuais? As comunicações que se fazem através das redes sociais aportado no contexto das ações ciberculturais da Internet podem ser incorporadas como potencializadoras das ações realizadas na/pela escola? Esses e outros fios podem ser pensados e costurados no fazer cotidiano da escola.

Notas:

<sup>1</sup> Fonte: <encurtador.com.br/egDL7> Acesso em 02 abr 2018.

<sup>2</sup> Fonte: <encurtador.com.br/egDL7> Acesso em 02 abr 2018

<sup>3</sup> Fonte: <encurtador.com.br/mCTU3> Acesso em 02 abr 2018

### Referências:

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da internet. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

HAMANN, Cristiano; MARACCI-CARDOSO, João Gabriel; TEDESCO, Pedro; VISCARDI, Fabrício. **Movimentos de ocupação urbana: uma integração teórica através do conceito de happening**. Diálogo, Canoas, n. 23, p. 19–33, 2013

KLEIN, Alberto. Cultura da visibilidade: entre a profundidade das imagens e a superfície dos corpos. In: MÉDOLA, Ana Sílvia Lopes; ARAUJO, Denise Correa; BRUNO, Fernanda (orgs.) **Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da Internet**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2010.

MALINI, F.; ANTOUN, H. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MIRZOEFF, Nicholas. Que es la cultura visual? In: MIRZOEFF, Nicholas. **Uma introducion a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.

SONTAG, Susan. Na caverna de Platão. In: **Sobre Fotografia**. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia

